

Agricultura Familiar: transformação e autonomia através das cisternas de placas



Maria do Socorro ao lado do seu marido, José Carlos de Mendonça

Maria do Socorro Bezerra é uma mulher de 56 anos, que mora no sítio das Moças em Sanharó, casada e mãe de duas filhas. A sua vida sempre esteve ligada à terra, cresceu nessa comunidade rural, ajudando seus pais tanto no roçado como também nas longas caminhadas diárias para buscar água em potes e latas na cabeça, ao lado de seus irmãos. Aos 15 anos, casou-se e mudou-se para o sítio Malhada da Pedra com seu marido. No entanto, o casal logo voltou para o sítio das Moças, buscando melhores condições para trabalhar na agricultura.

Desde jovens, dona Socorro e seu companheiro enfrentaram muitas dificuldades, trabalhando em propriedades de terceiros e na casa de farinha para garantir o sustento. Determinados, começaram a plantar feijão em sua própria terra, mas a escassez hídrica sempre foi um grande obstáculo. A água era um recurso disponível apenas no período das chuvas, e eles precisavam armazená-la em caixas d'água e baldes.



Cultivo de mudas na propriedade familiar

Em 2015, uma mudança significativa ocorreu com a chegada de uma cisterna de 16 mil litros. A tecnologia social aliviou a preocupação constante com a falta de água para o consumo humano, proporcionando mais tranquilidade ao cotidiano da família.

Apesar dessa melhoria, a família ainda precisava de água para plantar, então dependiam de um rio, aonde por diversas vezes na semana saíam de casa à meia-noite e retornavam pela manhã para buscar água.

Em 2018, a situação começou a mudar com a implementação do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), executado pela Diocese de Pesqueira, que trouxe uma cisterna calçadão, com capacidade de armazenar até 52 mil litros de água das chuvas que serve para produção de alimentos e criação de animais.

Além da cisterna, o programa ofereceu um incentivo financeiro, a partir do Fomento, que permitiu a família investir na propriedade. Com esses recursos, dona Socorro e seu marido construíram um galinheiro, e desde então, expandiram suas atividades, criando porcos e vacas, tanto para o consumo quanto para a comercialização de excedentes, como a carne, os ovos e o leite.



Criação de galinhas com o investimento do Fomento do P1+2

Hoje, a produção é diversificada. A família cultiva milho, feijão, batata-doce, mandioca, hortaliças e frutas. Além disso, produzem e comercializam colorau, um tempero em pó feito a partir das sementes de urucum que cultivam na propriedade. A agricultora expressa com alegria a autonomia alimentar que alcançaram. Grande parte da alimentação da família é produzida na própria terra, garantindo não apenas sustento, mas também segurança alimentar e nutricional.



Plantação de sementes de urucum para produção do colorau na propriedade da família

A pandemia de 2020 trouxe desafios adicionais, mas a agricultura familiar se mostrou essencial. Com suas filhas e o genro desempregados, todos se uniram para plantar, colher e vender, garantindo assim, o sustento de todos.

Atualmente, dona Socorro e seu marido estão aposentados, mas continuam trabalhando na propriedade que se tornou uma referência. Eles já receberam visitas de outros agricultores, durante intercâmbios sobre práticas agrícolas.

A história da família é um testemunho da importância da agricultura familiar e das tecnologias sociais na promoção da segurança hídrica e alimentar. Graças ao esforço contínuo e às oportunidades oferecidas por políticas públicas, dona Socorro e sua família não apenas asseguraram seu sustento, mas também contribuíram para a soberania alimentar da comunidade, demonstrando como a resiliência pode transformar vidas.



Autonomia para produção a partir da chegada da cisterna calçadão